

50º aniversário da assinatura dos Tratados de Roma

ANGELA MERKEL

Presidentes, primeiros ministros, excelências, senhoras e senhores,¹ Estamos hoje celebrando o 50º aniversário da assinatura dos Tratados de Roma. O local dessa celebração hoje não poderia ser mais simbólico. Pois o estamos fazendo em Berlim. Uma cidade que até 18 anos atrás era dividida por um Muro, por arame farpado, por soldados com ordens para atirar. Um lugar onde as pessoas pagavam com suas vidas por buscarem escapar, para terem liberdade.

Eu cresci ao leste dessa cidade, na República Democrática da Alemanha. Quando os Tratados de Roma foram firmados eu tinha apenas três anos de idade. Eu estava com sete anos quando o Muro foi erguido. Esse muro dividiu também a minha própria família. Nunca pensei que seria capaz de viajar para o Oeste até me aposentar. A apenas alguns metros daqui estava o ponto em que qualquer caminhada que eu desse resultaria num beco sem saída. Por fim, o Muro caiu. Foi um momento marcante para mim: percebi que nada é imutável.

Isto representa uma fonte de grande esperança para todos aqueles que não estão dispostos a se conformar com as injustiças do mundo. A propósito, é também uma fonte de grande esperança para todos aqueles na Europa que ainda são oprimidos – como o povo da Bielorrússia. Hoje eles estão comemorando sua independência. Nossos pensamentos também estão voltados

1. Discurso feito pela Chanceler Angela Merkel, durante a cerimônia oficial de celebração do 50º aniversário da assinatura dos Tratados de Roma (25/03/2007).

para eles hoje e a mensagem que temos para eles é esta: Os direitos humanos são indivisíveis! A Europa está com vocês!

Senhoras e senhores, o motivo de podermos celebrar este aniversário especial aqui em Berlim, dentre tantas outras cidades, é o fato de há meio século atrás alguns líderes políticos europeus terem se empenhado na construção de um projeto de paz europeu tal como nunca havia sido visto antes.

Afinal, sejamos honestos: 50 anos dos Tratados de Roma – levando-se em conta o contexto histórico, isto é pouco mais do que um piscar de olhos. Será que algum dia teremos mais do que isso? Será que no dia 25 de março de 2057 estaremos celebrando o centenário dos Tratados de Roma numa Europa de paz e liberdade, de democracia e vigor da lei? Não sabemos.

Nada disso pode ser desconsiderado. Tudo isso deve ser repetidamente enfatizado e defendido. Estagnação significa regressão. A conquista da confiança leva décadas. E pode ser minada de um dia para o outro. Qualquer clivagem logo tirará a Europa do rumo – talvez mais cedo do que alguns imaginam. Em resumo, devemos lutar pela unificação europeia e assegurá-la de tempos em tempos. Esta é a missão que deve nos guiar em direção ao futuro. É este o cerne das celebrações dos aniversários de hoje.

O mundo de hoje com certeza não é o mesmo de 50 anos atrás. Os seis membros fundadores são agora 27 Estados-membros. O que começou como libertação das tarifas agora evoluiu para uma moeda comum. Um mundo que antes era dominado por dois blocos hoje é um mundo com diferentes centros de poder.

Em meio a esse novo contexto mundial, devemos nos perguntar novamente o que mantém a Europa unificada também neste século, qual é a essência da identidade europeia. Para mim, a resposta é clara. A fonte da identidade europeia são os valores fundamentais que compartilhamos. São eles que mantêm a Europa unida.

Não nos esqueçamos: durante séculos a Europa não passava de uma idéia, não era mais do que uma esperança de paz e compreensão. Atualmente nós, cidadãos europeus, sabemos que tal esperança se concretizou.

Concretizou-se porque os fundadores da Europa pensavam em termos que iam bem além de sua geração. Pensavam em termos que transcendiam seu próprio tempo. Pensavam em termos também que iam além de liberdades puramente econômicas.

Três anos antes da assinatura dos Tratados de Roma a Comunidade de Defesa Europeia havia entrado em colapso. Mas isso não foi o fim da Europa. Apesar desse desapontamento, o preâmbulo do Tratado que firmava a

Comunidade Europeia começava com uma frase que revelava determinação “para estabelecer as bases de uma união ainda mais forte entre os povos da Europa...”.

Os fundadores da Europa sabiam que, a longo prazo, a economia e a política não poderiam ser dissociadas.

Cinquenta anos dos Tratados de Roma – para mim isso significa, em poucas palavras, que um sonho se tornou realidade!

Esse sonho pôde se realizar porque nós, cidadãos europeus, aprendemos ao longo dos últimos 50 anos a aproveitar ao máximo nossas identidades e tradições variadas, a diversidade vibrante dos nossos idiomas, culturas e religiões.

Esse sonho pôde se realizar porque nos deixamos guiar por aquela qualidade que, na minha opinião, dá à Europa sua alma, aquela qualidade que tornou possíveis os Tratados de Roma.

É a qualidade da tolerância. Levamos séculos para aprender isso. No percurso em direção à tolerância tivemos de enfrentar cataclismas. Perseguimos e destruimos uns aos outros. Destroçamos nossa terra. Colocamos em risco as coisas que valorizávamos. Nem uma única geração passou desde esse período pior de ódio, devastação e destruição.

Hoje, contudo, senhoras e senhores, vivemos juntos tal como nunca antes foi possível.

Cada Estado-membro ajudou a unificar a Europa e a fortalecer a democracia e o vigor da lei. Graças ao anseio pela liberdade dos povos da Europa Central e Oriental, a divisão pouco natural da Europa está agora confinada no passado.

Um dos dois homens que assinaram os Tratados de Roma em 1957, Maurice Faure, está entre nós hoje, como eu já havia dito antes. Hoje, exatamente 50 anos mais tarde, podemos assegurar a Maurice Faure e seus associados, nas palavras da nossa Declaração de Berlim, que “temos um modo único de viver e trabalhar em conjunto na União Europeia. Nós, cidadãos da União Europeia, nos unimos para o melhor”.

Unidos para o melhor – como podemos preservar, fortalecer e aprofundar aquilo que conquistamos para que possa passar no teste dos próximos 50 anos pelo menos?

Podemos fazer isso, acredito, por nos concentrarmos naquilo que constitui nossa maior força – o poder da liberdade, liberdade em todas as suas formas:

Liberdade para expressar nossas opiniões livremente, mesmo quando outros não se agradam delas.

Liberdade de acreditar ou de não acreditar.

Liberdade de associação.

Liberdade dos artistas para criarem seu trabalho à maneira que lhes aprouver.

Liberdade do indivíduo na responsabilidade que tem para com a comunidade como um todo.

Quando contamos com o poder da liberdade, estamos contando com o indivíduo. O indivíduo é superlativo. Sua dignidade é inviolável. E se me permitem fazer um comentário pessoal, gostaria de acrescentar que esta visão de indivíduo é, para mim, parte da herança européia judaico-cristã.

Essa visão do poder da liberdade e a dignidade do indivíduo já estava implícita na Comunidade Européia do Carvão e do Aço (CECA) estabelecida antes dos Tratados de Roma. Com a assinatura dos Tratados de Roma em 1957, pela primeira vez na história da Europa os povos europeus se uniram por livre e espontânea vontade para criar um projeto em comum, com regras em comum.

É por esse motivo que hoje em Berlim podemos reafirmar nosso compromisso com uma Europa de direitos iguais para todos os Estados-membros, pequenos e grandes, velhos e novos.

Sozinho, cada país da Europa é muito fraco para ser bem sucedido em lidar com as dificuldades globais que enfrentamos. É por isso que só pode haver uma única resposta: não devemos agir sozinhos, mas em união numa Europa unificada.

A era da globalização torna uma coisa muito mais clara para nós: a decisão em favor da Europa também é uma decisão em favor de um certo modo de vida. Foi e continua sendo uma decisão em favor de nosso modelo europeu. É uma combinação de sucesso econômico e responsabilidade social. Apenas juntos poderemos continuar a preservar nosso ideal de uma sociedade européia no futuro.

Apenas juntos poderemos assegurar padrões econômicos e sociais internacionalmente.

Não devemos enganar a nós mesmos: o mundo não irá esperar pela Europa. Outras regiões do mundo estão se desenvolvendo num ritmo assustador.

A Europa, portanto, precisa de uma coisa acima de tudo: precisa ser dinâmica. Pois, se não houver dinamicidade, não haverá prosperidade alguma na Europa. E, se não houver dinamicidade, a solidariedade dentro da Europa irá diminuir. Uma Europa dinâmica é uma Europa de crescimento dinâmico.

Que cria empregos. Que recompensa conquistas. Que ajudará a vencer a burocracia.

Que fortalece os pontos fortes da Europa. Eles consistem no conhecimento e na habilidade dos cidadãos europeus, na educação, pesquisa e inovação. Esta é a chave para o crescimento, o emprego e a coesão social.

A Europa deve também ser líder nas energias renováveis, eficiência energética e proteção do clima. Adotamos um Plano de Ação com respeito a isso no Conselho Europeu no início de março. Desejamos fazer nossa contribuição no processo de reversão da ameaça global da alteração climática. Mas, para isso, precisamos de aliados no mundo todo.

Porque, de qualquer forma, a Europa será cada vez mais impelida a lidar com influências externas no futuro, devido à globalização.

Uma política externa e de segurança comum na Europa é, portanto, absolutamente vital. Mas obviamente tal política não deveria ser isolacionista, mas baseada em grande parte na cooperação entre parceiros fora da Europa. Acredito piamente que relações próximas e amigáveis com os Estados Unidos da América e uma OTAN forte são e continuarão a ser de interesse fundamental para a Europa.

Isso não entra em conflito com uma maior intensificação da cooperação no interior da própria Europa. Melhor do que isso, é o outro lado de uma mesma moeda.

Uma parceria estratégica abrangente com a Rússia é importante da mesma forma para a Europa. Precisamos tanto de uma parceria estratégica com a Rússia como uma aliança transatlântica. Uma com certeza não exclui a outra. Afinal, foi a Europa que desenvolveu um entendimento moderno de integração: estruturas institucionais intercaladas, ao invés de atitudes do tipo "eles contra nós", a formação de eixos e políticas solitárias. A Europa nunca deve dividir ou se deixar dividir em qualquer questão.

Apenas se a Europa se mantiver unida é que será capaz de ser bem sucedida na luta contra o terrorismo, o crime organizado e a imigração ilegal. Só então seremos capazes de defender com sucesso liberdades e direitos civis, também na luta contra aqueles que se opõem a estes. Só então o racismo, o anti-semitismo e a xenofobia não terão qualquer chance.

Então poderemos trabalhar em direção a uma resolução pacífica de conflitos no mundo e garantir que as pessoas não se tornem vítimas da guerra, do terrorismo e da violência, e que a pobreza, a fome e as doenças como a AIDS sejam refreadas. Queremos promover a liberdade e o desenvolvimento no mundo.

Em nossa Declaração de Berlim deixamos expressamente registrado nosso compromisso em continuar a promover a democracia, a estabilidade e a prosperidade além das fronteiras da União Européia.

A importância deste compromisso não pode ser subestimada. E ela se torna rapidamente muito tangível. Por exemplo, em um dia como o de hoje também pensamos nas pessoas do Zimbábue e de Darfur. O sofrimento lá é insuportável. Queremos aproveitar essa oportunidade para exortar o presidente Bashir do Sudão a finalmente acatar as resoluções da ONU. Quero deixar bem claro que precisamos considerar sanções mais severas.

Com isso – juntamente com a nova resolução da ONU adotada pelo Irã ontem – demonstramos nosso comprometimento em levar nossa parcela de carga de responsabilidade global junto com nossos aliados e parceiros.

Contudo, senhoras e senhores, mesmo em uma ocasião festiva como esta não devemos enganar a nós mesmos. Se desejamos resguardar o estilo de vida europeu e assumir responsabilidade global, a Europa precisa ser capaz de agir, agir mais eficazmente do que é capaz no momento.

Pois sabemos que a União Européia continuará a prosperar tanto com base na abertura quanto na vontade de seus Estados-membros de consolidar o desenvolvimento interno da União.

As estruturas internas devem ser adaptadas a uma União ampliada com 27 Estados-membros. O que precisa ser feito com relação a isso? Minha resposta é clara: a União Européia precisa de mais e precisa de competências que sejam mais bem definidas do que as do presente momento: na política energética, na política externa, na justiça e em assuntos internos.

É necessário que determinemos mais claramente quais as responsabilidades dos Estados-membros e quais as da Comunidade.

É necessário que nos concentremos em tarefas essenciais e na preservação das características singulares dos Estados-membros sempre onde isso for possível.

É necessário que nos asseguremos de que, mesmo com 27 ou mais Estados-membros, as instituições da União Européia funcionem de maneira eficaz, democrática e de uma forma que os cidadãos entendam. Há muito em jogo.

É verdade que qualquer pessoa que esperava que 50 anos após os Tratados de Roma teríamos um Tratado Constitucional ficará desapontada.

Mas também é verdade que qualquer pessoa que esperava que a Europa estivesse atenta à necessidade de fortalecer sua fachada institucional verá que nossa Declaração de Berlim aponta para um caminho à frente. Pois sabemos que precisamos sempre renovar o formato político da Europa, de maneira a nos adaptarmos aos tempos em que vivemos.

Assim sendo, é tanto importante como necessário que hoje, aqui em Berlim, 50 anos após a assinatura dos Tratados de Roma, estejamos reunidos com o objetivo de colocar a União Européia em uma base comum renovada antes das eleições para o Parlamento Europeu em 2009.

Estou trabalhando para assegurar que um mapa disto possa ser adotado com o fechamento da Presidência alemã da União Européia, e conto com seu apoio.

Estou certa de que isso deve ser feito não apenas nos interesses da Europa, mas também nos interesses dos Estados-membros individualmente e dos cidadãos europeus, que este processo seja encaminhado a uma conclusão bem sucedida.

Não fazer isso seria um fracasso histórico. Aquilo que decidirmos terá um impacto por um longo tempo à frente, para melhor ou para pior.

Entretanto, senhoras e senhores, não há necessidade de falarmos em fracasso. A Europa superou enormes obstáculos em tantas ocasiões. As negociações envolvendo os Tratados, cujo 50º aniversário estamos celebrando hoje, são um bom exemplo disso.

Li que um membro da delegação – se não me engano, um diplomata britânico – parece ter dito na época: “O tratado futuro em discussão não tem chance alguma de ser aceito; se fosse aceito, não teria chance alguma de ser ratificado; e se fosse ratificado, não teria chance alguma de ser aplicado”. Fico imaginando, senhoras e senhores, o que esse negociador diria a respeito das celebrações de hoje.

Mas ele não era o único a ser pouco entusiástico em relação ao tratado. Relata-se que um político francês bastante proeminente parece ter dito na época: “Tratados são como meninas e rosas; duram enquanto duram”. Sim, senhoras e senhores, a roseira cresceu consideravelmente desde 1957 e hoje uma menina declaradamente não tão jovem está entre os que assinam a Declaração de Berlim.

E, finalmente, um jornal belga, *La libre Belgique*, escreveu na época das negociações dos Tratados de Roma que os alemães eram doutores importantes e bem organizados; os franceses eram bem criados, adoravam planos e teorias. Os italianos usavam gravatas e meias lindas e até mesmo as estatísticas explodiam como fogos de artifício em seu país.

Sim, senhoras e senhores, somos tudo isso e muito, muito mais. Esta é a Europa. Cepticismo, contradições, diversidade, até mesmo clichês bastante apreciados, mas mais do que isso – coragem. A Europa é tudo isso.

A Europa é muito mais do que vacas leiteiras e os Diretivos Químicos. Observe a seu redor – pessoas de 27 países europeus estão reunidas aqui hoje.

Há alunos e estudantes do programa ERASMUS. Há músicos da *Youth Orchestra of the European Union* (Orquestra Jovem da União Européia) se apresentando para nós hoje com o maestro Vladimir Ashkenazy.

Às vezes penso que se nos preocuparmos com alargar e renovar nosso lar europeu poderíamos facilmente ignorar sua grandeza e singularidade em meio a todo o trabalho de construção.

Afinal, depois de todas as guerras e do sofrimento interminável, algo muito especial passou a surgir.

Nós, cidadãos da Europa, nos unimos para o melhor. Porque é do conhecimento de todos que a Europa é nosso futuro comum.

Isso foi um sonho por muitas gerações. Nossa história nos lembra que devemos proteger isto para o bem das gerações futuras.

Também espero que os cidadãos da Europa digam dentro de 50 anos as seguintes palavras:

Naquela época, em Berlim, a Europa unificada tomou o rumo certo.

Naquela época em Berlim, a União Européia embarcou no caminho correto em direção a um futuro brilhante. Dedicou-se a renovar suas bases de forma a poder fazer sua contribuição aqui na Europa, este velho continente, bem como em nível global, neste mundo tão grande e ainda assim tão pequeno em que vivemos.

Por um mundo melhor. Por pessoas em toda a parte. Esta é a nossa missão para o futuro.

Obrigada.

http://www.eu2007.de/en/News/Speeches_Interviews/March/0325BKBerliner.html